

O "pertencimento racial"

Considerações introdutórias ao debate sobre ações afirmativas e Serviço Social ⁽¹⁾

Uma história contada por Frei David Santos, OFM.

O que é pertencer à etnia negra? Basta ter a pele negra? Basta ter um pai ou mãe ou os dois negros? É trabalhar pelos direitos humanos para a promoção deste seguimento de brasileiros no qual nos sentimos membros? É ter o direito de usufruir dos benefícios da inclusão pelas cotas nas universidades públicas e particulares?

Respondo a estas questões com os depoimentos abaixo:

"Comecei minha vida religiosa franciscana no ano de 1976. Porém, um trabalho mais específico com pobres havia começado antes, em 1972, nas favelas de Vila Velha, Espírito Santo. Até esta etapa de minha vida não tinha nenhuma reflexão racial. A preocupação com a questão racial foi começar mais tarde em 1976, no primeiro ano em que entrei para a vida religiosa. Houve no seminário um momento de tensão, quando fui vítima de racismo. Pessoalmente não tinha consciência da questão étnica e não aceitava dizer que era negro, porque não me considerava negro. Apenas era uma pessoa que tinha o privilégio de morar perto do mar e ia muito à praia. Por isto era moreno... e ponto final!"

Em maio de 1976, no seminário onde realizava minha busca por aperfei-

¹ Frei David Santos OFM (Franciscano. Responsável pela criação e consolidação dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, no Rio de Janeiro e atual Diretor-executivo da Educafro - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes).

çoamento religioso, no sudeste do Brasil, vivi um conflito. Alguns seminaristas de origem italiana, alemã e de outras descendências que também moravam ali, inventaram de fazer uma brincadeira para festejar o 'dia 13 de maio'. A brincadeira consistia no seguinte: os seminaristas negros deveriam almoçar em uma mesa no centro do refeitório, apelidada de 'navio negreiro' e os demais sentariam nas mesas laterais. Como sempre, me senti como os demais brancos e fui me sentar numa das mesas laterais e na hora de começar a brincadeira alguém gritou: "Hei! Falta alguém na mesa dos negros... Quem está faltando?" Alguns responderam: "Falta o David." Foi a resposta necessária para me pegarem. Puxaram-me e arrastaram-me para aquela cadeira vazia. Esta atitude foi, para mim, a maior ofensa sofrida em toda a minha vida! Chamaram-me de negro publicamente! Assim que me soltaram, dei um murro na mesa, derrubei uma jarra de água e outras coisas, e saí para arrumar a mala para ir embora, retornando para a minha família. Alguém correu e avisou ao Frei Superior do Seminário. "Olha, teve uma confusão no refeitório e o David está arrumando a mala para ir embora." O reitor subiu até ao dormitório e disse-me: "O que houve? ... Se você quer ir embora é um direito seu, vá embora. No entanto, proponho que você fique um pouco mais para a gente conversar. Levar-lhe-ei para a Rodoviária amanhã ou hoje à noite, ainda. Fique um pouco mais para nós conversarmos. Para você poder, pelo menos, sair daqui como cristão, sem ódio de ninguém. Após esta conversa, você deverá voltar para a sociedade sem ódio, o que será bom para você e para a sociedade." Mas ele viu que eu estava ainda meio reticente e falou: "Na sua primeira entrevista comigo, você falou que queria ser uma pessoa para ajudar a construir a paz no mundo. Você está vivendo seu primeiro conflito e já quer resolver assim? Chutando o pau da barraca?". De modo que resolvi ficar, muito mais para mostrar para ele que queria ser alguém, com referência à luta por um mundo melhor. Fiquei.

O Frei me escalou para o trabalho comunitário da tarde, das 14 horas, e me colocou para colher frutas. Quando iniciei o trabalho, percebi que ele me escalou para trabalhar com o grupo que me humilhou. E eu fiquei lá trabalhando, com a cara fechada, sem saber 'que outras coisas estavam rolando'...

Escolhi a tarefa que não precisava conversar. Fui segurar a cesta de vime. Eles iam colhendo as laranjas e jogando dentro da cesta. Não olho pra cara de ninguém e fico emburrado. Ao término do trabalho comunitário o Frade responsável pelo seminário me disse: "Olha, eu observei cá de cima: você não olhou pra ninguém, não conversou com ninguém. Em resumo: você não perdoou ninguém. Bem, hoje não vou dar aulas na faculdade. Vou ficar aqui, para conversar com você depois do jantar". Aceitei. Fui conversar com ele.

E ele perguntou: "Qual é o seu time?" "Eu sou Flamengo!" Com várias perguntas para me descontraír, ele foi criando um clima, tirando de mim a tensão. Assim que ele viu que eu estava bem descontraído, disse: "Você tem aí uma foto da sua mãe?" Tenho sim! Tirei a carteira, peguei a foto e mostrei para ele, e disse: branca. Ele perguntou em cima da minha afirmação: "Sua mãe é branca?" "Lógico, eu sou branco e minha mãe é branca", respondi. Percebeu que nada havia mudado em minha cabeça. Ele mudou de assunto. Falou de praia: "Estive numa praia no Espírito Santo. Foi a Praia da Costa." Muito boa! A conversa sobre praia foi longe. Assim que percebeu que estava descontraído falou outra vez: "Tem aí uma foto do seu pai?" "Ter eu tenho, mas está lá na minha mala." E continuou: "Vai buscar, já que você vai embora, eu gostaria de conhecer seu pai, pelo menos através da foto". Disse: "Frei está lá na mala e já a fechei... A foto não é importante..." "Mas para mim tem importância sim", disse ele. "Pegue-a, por favor!" Fui lá buscar o retrato do meu pai... Abri a mala, lá no fundo da mala, peguei a foto do velho e a trouxe.

Cheguei no escritório dele, todo envergonhado, com a foto na mão. Abri as mãos com a foto. Estava todo cabisbaixo. Ele disse: "Seu pai é negro?" Ele falou dando uma entonação de elogio. Este fato provocou em mim um 'curto circuito'. Meu grande segredo estava desvendado... Ele percebeu a minha confusão mental e ofereceu-me um copo de água. Tomei-a e me sentei. O Frade fala: "David, você é vítima de uma doença gravíssima. Não só você, mas quase todos os afro-brasileiros a pegaram. É séria e só existe um tipo de remédio. Está dentro de cada um de nós. Não há remédio fora da pessoa. Essa doença chama-se ideologia do embranquecimento. A pessoa, mesmo sendo afro-brasileira, assume-se como branco por pressão da sociedade. A pessoa nega seu

povo negro. Para esta doença só há um remédio: você trabalhar este desafio dentro de sua mente. Por exemplo", disse ele: "Eu sou de origem alemã. Conheço tudo sobre a história do meu povo, as vitórias, as derrotas, a cultura, a língua, etc. O que você sabe do seu povo negro?" E assim continuou: "Meu pai, quase todo dia, sentava com a gente depois do jantar e comentava sobre o povo alemão, refletíamos e exaltávamos a nossa cultura alemã"...

Comecei a pensar e voltei o filme da minha vida. Meu pai, negão, nunca havia falado do povo negro para nós. Minha mãe branca falava, mas de forma negativa. A minha mãe falava assim: "Quando eu era moça, dizia que jamais casaria com um negro. Dizia que se gostasse de negro, andaria com um urubu debaixo do braço. Completava dizendo que "Deus me castigou e casei com um negro". Esta era a mensagem que a gente recebia na família sobre o negro. A minha realidade não é em nada diferente da grande maioria do povo afro-brasileiro. Quando encerramos a conversa, estava quebrado... Humilhado... Não me sentia... queria morrer, desaparecer. Não existia mais, pois ele me provou que eu não era branco, não queria ser negro, o que eu era, então? Estava sem identidade. Saí e parecia que tinha caído em um buraco. Tinha que andar e não sabia nem onde pisar. Não conseguia fazer mais nada. Totalmente fora de mim, fui dormir. Nem sei se eu consegui dormir ou se desmaiei. O fato é que no outro dia, ao acordar, provocado pela conversa com o Frade, fui fazer o que ele havia dito: "Eu li mais de 30 livros sobre o povo alemão". Então, no dia seguinte, a primeiríssima coisa que fiz foi ir à biblioteca, pensando no seguinte: "Se tenho a identidade negra e não tive chance de beber desta identidade, vou buscá-la na Biblioteca". Fui para a biblioteca do seminário, revirei toda a biblioteca e não encontrei um livro sequer sobre o povo negro.

Naquele momento nasceu o Frei David que hoje atua. Guerreiro, determinado, firme, enfrentando muitas incompreensões, mas compreendendo muito bem aonde quer chegar! A inclusão do negro nas universidades e toda e qualquer promoção do negro passou a ser o principal foco da minha existência enquanto sacerdote e franciscano. Comecei a reivindicar: então é assim que vocês querem que a gente vença a partir de nossa cultura? Vocês não nos

dão condições. Já fui reclamando... Daí comecei a ser um guerreiro em prol da causa. Fui ao Frade e disse: "Não tem um livro sequer na biblioteca narrando a luta do povo negro!" Ele foi à cidade e comprou alguns livros sobre o negro e colocou na biblioteca. Começou aí a descoberta da força do binômio "reivindicações X vitória". Foi a primeiríssima vez que aquela biblioteca (que tem mais de cinquenta anos) recebia livros sobre o negro! "A partir daquele momento, renasci". Digo hoje que me sinto um frade realizado em minha trajetória de vida. Esforcei-me muito para não ser omissos na luta por inclusão do nosso povo negro. Olhando para trás, pergunto-me constantemente onde consegui tantas forças para fazer o que fizemos e enfrentar situações totalmente adversas! Avaliando alguns contextos, não temos dúvidas e concluímos dizendo que "tiramos leite de pedra!" Ou, usando uma linguagem religiosa, "colocamos nossa vida a serviço da justiça que vem de Deus e Deus operou com determinação, usando o nosso existir para transformar!".